

Literatura Amazônica à margem do cânone, apesar de premiada

Regina Barbosa Costa¹
Edvaldo Santos Pereira²

Resumo: O cerne deste trabalho está pautado em indagações a respeito da escolha de obras literárias e autores para o cânone brasileiro, colocando-se em discussão a querela que envolve o reconhecimento qualitativo de uma obra e, conseqüentemente, de um autor. Para isso aponta-se, por um lado, autores premiados que não alcançam o cânone e, por outro, autores de discutível qualidade literária promovidos ao cânone. Nesse sentido, destacam-se dois autores do Norte que obtiveram premiações em concursos nacionais: o poeta Bruno de Menezes, premiado no concurso “Onze chaves de ouro de Guilherme de Almeida”, promovido pela Academia de Letras de Ilhéus, e o romancista Dalcídio Jurandir, premiado no concurso “Dom Casmurro”, realizado pela editora Vecchi, do Rio de Janeiro, dentre outras honrarias. Apesar de premiados e estudados amplamente pelas universidades paraenses, esses escritores continuam à margem da história da literatura brasileira que, mesmo em constante reconstrução, é escrita de forma subjetiva pelos construtores de uma crítica literária nacional que seleciona obras, privilegiando produções de locais hegemônicas do Brasil, salvo raras exceções. Assim, é mantida a escolha de autores com obras nem sempre de boa qualidade, deixando à margem do cânone, autores de outras regiões, mercedores de reconhecimento.

Palavras-chave: Cânone Literário; Autores Premiados; Bruno de Menezes; Dalcídio Jurandir

Amazonian literature in the margins of the canon, despite awarded

Abstract: The core of this work is based on inquiries about the choice of literary works and authors for the Brazilian canon, putting into question the dispute that involves the qualitative recognition of a work and, consequently, of an author. For this purpose, on the one hand, awarded authors who do not reach the canon are

¹ Regina Barbosa Costa é professora na Escola Superior Madre Celeste e da Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará. Possui Doutorado em Estudos Literários (Leitura e Recepção da Literatura no Brasil) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestrado em Estudos Literários (Leitura e Recepção da Literatura no Brasil) (UFPA), Especialização em Ensino de Literatura pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Graduação em Letras (UFPA).
E-mail: anygger@yahoo.com.br.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2221-7206>.

² Edvaldo Santos Pereira é professor da Secretaria de Estado de Educação do Pará. Possui Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestrado em Estudos Literários (Linguística e Teoria Literária) (UFPA), Especialização em Gestão Educacional pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e Graduação em Letras (UFPA).
E-mail: pereira.edvaldo56@gmail.com.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4723-8617>.

pointed out, and, on the other, authors of debatable literary quality promoted to the canon. In this sense, two authors from the North who have won awards in national competitions stand out: the poet Bruno de Menezes, awarded in the contest “Eleven keys of gold by Guilherme de Almeida” promoted by the Academy of Letters of Ilhéus; and the novelist Dalcídio Jurandir, awarded in the contest “Dom Casmurro”, promoted by the publisher Vecchi, from Rio de Janeiro, among other honors. Despite being awarded and widely studied by universities in Pará, these writers remain on the margins of the history of Brazilian literature which, even in constant reconstruction, is subjectively written by the builders of a national literary critic that selects works, favoring productions from hegemonic places in Brazil, with rare exceptions. Thus, the choice of authors with works not always of good quality is maintained, thus leaving authors from other regions, deserving of recognition, on the sidelines of the canon.

Keywords: Literary canon; awarded authors; Bruno de Menezes; Dalcídio Jurandir.

Introdução

As alianças e querelas formadas no campo literário são fatores que podem interferir na legitimação de um autor premiado, sobretudo se considerarmos as relações políticas e econômicas que envolvem uma premiação literária. A influência da mídia e uma ampla rede de contatos do autor são decisivos e chegam a interferir na circulação do livro e, conseqüente, na indicação para essa horaria. Por outro lado, a falta de uma cadeia de contatos do escritor ou de apoio político pode dificultar a inclusão de um texto em uma história literária. Desse fato surgem questionamentos que nos levaram a elaborar este trabalho, motivados pelas pesquisas no meio acadêmico, como forma de renascimento dos textos de escritores, intermediado por estudos e projetos. Neste sentido, destacamos os escritores paraenses Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, como autores premiados, mas que não obtiveram um reconhecimento para fazerem parte do cânone literário brasileiro.

Tomando como contribuição a exposição feita no livro *A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro*, organizado por Bueno, Sales e Augusti (2013), mais especificamente na discussão elaborada no capítulo de Marlí Tereza Furtado, intitulado “A Amazônia em narrativas: sob o signo da terra, dentro e fora do cânone”, ao abordar a questão do reconhecimento de autores apontados para o cânone literário nacional e de autores não listados pelas Histórias literárias Brasileiras, é possível traçar um estudo da circulação de obras

literárias produzidas em eixos considerados periféricos. No entanto, é preciso conhecer os princípios que norteiam a constituição da história literária brasileira, que sempre foi motivada por fatores subjetivos embasadas na ordem social, política e estética. Essas motivações podem ser observadas em Garrett (1826), Sodré (1938) e Bosi (1970).

O escritor português Almeida Garret (1799-1854), com o *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa, no Parnaso lusitano* (1826), foi um dos primeiros a divulgar nossas produções literárias, sendo o introdutor da História Literária em Portugal. Pelo desenvolvimento de atividades políticas na realeza portuguesa, esse escritor obteve a facilitação para a escolha de seus textos, com aprovação por unanimidade. Isso indica a repercussão de uma influência europeia na crítica literária brasileira, que se apoiou em discursos aparentemente variados, que reforçavam a hegemonia de uma crítica externa vista como modelo no Brasil.

Em 1938, Nelson Werneck Sodré (1911-1999) foi o historiador brasileiro que lançou a *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos* (1938), um projeto inédito no âmbito das histórias da literatura brasileira. Utilizou como fundamento norteador de sua obra o enfoque econômico, considerando que, na abordagem da evolução de uma literatura, o escritor deve levar em conta o contexto socioeconômico e histórico. No entanto, acreditava que sua obra era incompleta ou apenas um esboço, pois entendia a necessidade de completá-la com outras produções literárias.

Pelo olhar do crítico literário Alfredo Bosi, na *História concisa da literatura brasileira* (1970), percebe-se um posicionamento “dialético” pela demonstração, em cada capítulo, das características histórico-literárias vigentes na Europa, ajustadas aos temas, formas e estilos existentes no Brasil. O escritor aponta divergências entre as influências recebidas do continente europeu e a realidade sócio-histórica-cultural do país. Há nessa obra uma concepção das manifestações literárias expressas esteticamente pelo imaginário humano, nas relações históricas, sociais, culturais e ideológicas. Assim, o valor estético da obra literária é a justificativa para a inclusão ou exclusão de autores e obras no cânone, contextualizando-os nos períodos literários determinados.

Na amostragem apresentada, das três histórias literárias, compreendemos a formação de diferentes painéis literários formados no Brasil. Isso nos dá a ideia da dificuldade para compor um panorama de textos que alcance regiões hegemônicas e não hegemônicas. Assim, este trabalho trata das polêmicas referentes às questões que envolvem o mundo literário. Por isso, elegemos os escritores Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, *renascidos* por meio de estudos na academia, mas não eleitos pela crítica como canônicos, apesar de serem premiados.

Bruno de Menezes e as onze chaves de guilherme de almeida

Nascido e criado em Belém, Bruno de Menezes despontou com uma escrita polifônica, e esteve de modo politicamente engajado, como forma de desnudar diferenças sociais aparentemente ocultas, contra as quais se opunha. Pela produção dessa escrita, que aponta a resistência de pessoas envolvidas na luta contra as elites sociais, empenhou-se em minimizar discrepâncias que ainda perduravam no cotidiano amazônico, sobretudo nos subúrbios de Belém, onde havia grande diversidade cultural em frequentes manifestações. Essa característica coloca em evidência os problemas sociais como motivo de inspiração para sua produção literária, o que possibilita a atualização de sua obra, já que muitas situações retratadas pelo poeta, apesar das modificações decorrentes do tempo, ainda podem ser percebidas como experiências vividas atualmente.

Bruno agia de modo semelhante à maioria das pessoas; pelo contato com o outro havia também a obtenção do material utilizado na sua produção literária. Por isso procurava conhecer a vida em sua volta, sentindo as tensões do convívio e das relações. Assim, ele trouxe para sua obra a vivência em ambientes diversificados, com uma produção relacionada a diferentes aspectos da vida social, retratados numa variedade de estilos, como poemas, artigos diversos, ensaios e duas narrativas de ficção.

De toda a sua produção literária, dedicou-se mais aos poemas, obtendo reconhecimento internacional por seu livro *Batuque*, tendo ainda obtido o primeiro lugar no concurso “Onze chaves de ouro”, promovido pela Academia de Letras de Ilhéus, na Bahia, em 1960, com a produção de onze sonetos, em cujo

regulamento havia como exigência que cada poema finalizasse com um verso do poeta Guilherme de Almeida, o homenageado daquele concurso.

Suas produções enfocam, sobretudo, temas como o religioso, o amoroso, o folclórico e o das relações de trabalho, características que podem aparecer simultaneamente em uma mesma produção. Pela abordagem desses conteúdos, percebe-se a demonstração do convívio, manifestado em circunstâncias diversas e, sobretudo, no livro *Batuque* e no romance *Candunga*, como representação de sua obra poética e narrativa de ficção, estabelecendo-se uma relação com o contexto social, identificado como o cenário de uma construção artística que, estudada em seus níveis explicativos e ilustrativos, elucida aspectos dessa natureza.

Mais um dos empreendimentos de Bruno de Menezes foi a criação da revista “Belém Nova”, um periódico de publicação quinzenal, que circulou em Belém de 15 de setembro de 1923 até 15 de abril de 1929, período em que atuou como diretor. Nessa função, o poeta mantinha contato com editores de outras revistas que circulavam em todo o Brasil, com troca de matérias, experiências e publicações. Exemplo disso está num artigo publicado pelo escritor pernambucano Abgar Soriano de Oliveira, feito a convite de Bruno. Antes de iniciar seu artigo, acerca da produção literária em Pernambuco, esse escritor reporta-se ao poeta paraense como “este espírito formosíssimo, este cinzelador de versos impecáveis, quis que eu narrasse pelas colunas de BELÉM NOVA, o movimento literário de minha terra. Não houve esquivações minhas, que lhe demovessem a vontade gentil e o propósito amável” (OLIVEIRA, 1924, p. 8). Essas articulações possibilitaram o intercâmbio entre Belém e outros centros.

Considere-se então, o que o poeta Alonso Rocha (1994) considerou para uma definição a respeito de Bruno de Menezes, ao relacioná-lo a uma ponte que ligava a cultura paraense a outras cidades. Percebe-se assim, a transmissão de uma ideia relacionada a algo imóvel, utilizado apenas como uma estrutura construída para ligar dois pontos, mas é possível dizer que Bruno foi muito além. Como diretor da revista “Belém Nova”, tornou-se um embaixador a exercer, com toda a habilidade a arte da diplomacia, de uma forma que lhe era peculiar, proporcionando o intercâmbio entre a cultura de sua terra e os principais centros culturais do país, como o eixo Rio-São Paulo. Portanto, a Revista “Belém Nova”

tornou-se um veículo essencial para divulgação da produção literária de outros centros em Belém, assim como a de Belém em outros centros. Com isso, Bruno desempenhou um papel social importante na segunda década do século XX.

O posicionamento crítico de Bruno de Menezes em relação aos critérios de escolha do cânone literário brasileiro está manifesto no ensaio intitulado “À margem do ‘Cuia Pitinga’”, publicado em 1937, com foco no poema “Cromo XXV”, do livro *Cuia Pitinga*, do poeta Jacques Flores, publicado em 1936. Com estrutura concepcional, identificada pela retratação de cenas do cotidiano de um ribeirinho, o poema é reconhecido como a manifestação de uma feição irônica, referente à caracterização individualizada do caboclo, sob a representação coletivizada do povo da Amazônia, com manifestações da mesma forma, sendo, portanto, apontado o modo de vida às margens dos inúmeros rios, encontrados por toda a região.

Há no ensaio, de início, um comentário a respeito da difícil situação em que se encontrava a produção literária na cidade de Belém, nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, é questionada a falta de reconhecimento dos escritores da região em outros centros urbanos do Brasil. Consequentemente, há o incentivo para trocas de experiências, além da possibilidade de discussões acerca de diretrizes no campo literário. Esse movimento estava relacionado à produção de autores de todo o país, mesmo sem a anuência de muitos deles, o que não acontecia em outros locais, pela falta de inclusão dos grupos de regiões não hegemônicas.

Com o olhar para o contexto histórico, político e social daquela época, Bruno de Menezes faz uma sucinta análise do momento pelo qual passavam aqueles que se dedicavam à produção literária, apontando a necessidade de subsistência dos autores empenhados nessa atividade em Belém, uma cidade que amargava uma fase de decadência econômica, depois de um período próspero decorrente do boom com a produção do látex. Com isso, tornaram-se poucas as condições de sobrevivência para os aspirantes que desejavam dedicar-se somente à Literatura, para quem “a luta para lapidar a inteligência e defender o ganha pão foi abrindo os seus sulcos de descrença e desalento no coração de uma nova plêiade destinada a sucesso nas letras” (MENEZES, 1993, p. 383). Assim, pela impossibilidade de uma dedicação integral, poucos passaram a acreditar no êxito

de uma dedicação à Literatura, sentindo-se obrigados a deixar de lado esses anseios, fazendo novos investimentos com a busca de outras formas de garantir o sustento que lhes era necessário.

Em um empenho que parecia em vão, acreditavam ser mais viável a dedicação a outras atividades. Isso acontecia devido à falta de reconhecimento de uma crítica, pouco interessada em acompanhar a produção literária fora dos grandes centros, apontados como locais de poder econômico e cultural. Nesse sentido, Bruno recrimina a atitude passiva de uma crítica, por ele denominada “crítica do silêncio”, que em Belém, semelhante ao Rio de Janeiro, centro administrativo, considerado o “coração do Brasil”, havia também a concessão de privilégios a “celebridades efêmeras” em detrimento das “inteligências de projeção, surgindo os homens de letras ‘pés-de-cabra’, que forçavam com pertinácia todas as portas da evidência, até arrobarem a ‘Domus aurea’ do ambicionado Silogeu” (MENEZES, 1993, p. 382). Numa mistura de termos eruditos e vulgares, somados a referências históricas, é lançado um protesto, com severa crítica aos critérios de escolha dos destinados a ocuparem uma cadeira na instituição encarregada da concessão de um lugar de honra somente aos intelectuais destacados por trabalhos de boa qualidade literária.

Ao referir-se à “Domus aurea”, conhecida como a casa dourada construída pelo imperador Nero, após o incêndio que destruiu a cidade de Roma, há o estabelecimento de uma relação entre o poder representado pelo Império Romano e o poder representado pela Academia Brasileira de Letras, denominada “ambicionado Silogeu”. Esse posicionamento crítico à instituição que congrega a nata da intelectualidade brasileira tem como alvo principal a escolha de certos acadêmicos denominados por Bruno como “pés-de-cabra”, eleitos por méritos discutíveis.

Não obstante a dificuldade para inserção nesse campo restrito, foi colocada em questão a lisura do processo de escolha dos acadêmicos, fazendo-se valer pelo poder, manifestado com o favorecimento à abertura de frestas para a entrada daqueles que, embora não fazendo jus aos lugares ocupados, ainda insistiam, por meios ilícitos, a obtenção do ambicionado ingresso.

Atento à problemática que atingia não somente Belém, mas outras cidades distantes dos maiores centros urbanos do país, Bruno fez uma

classificação daqueles que, de alguma forma, estavam relacionados à Literatura. Assim, estão apontados vários rumos tomados pelos intelectuais, preocupados com sua condição econômica, o que dificultava a formação de um grupo coeso, voltado às discussões, no sentido de fortalecimento da produção literária.

Naquela conjuntura, a luta pela sobrevivência foi priorizada pelos intelectuais paraenses, que mais se dedicaram ao trabalho nas oficinas, em detrimento da frequência nas escolas secundárias e faculdades, mesmo cientes que isso possibilitaria um melhor preparo ao parco mercado de trabalho. Havia também aqueles que não queriam submeter-se aos livros de ponto, impostos ao operariado, levando uma vida obscura ou focando sua capacidade produtiva em dores e amarguras.

Em meio a essa condição insalubre à criação literária, eram encontrados ainda os que escreviam “versos de apurado valor castiço e tão sentidamente líricos, do ‘Jardim do Silêncio’” (MENEZES, 1993, p. 385). Há uma alusão ao livro de poemas *Jardim do Silêncio*, do escritor baiano Sabino de Campos, publicado em 1919. Nesse sentido, está colocada em questão a representatividade de uma produção literária silenciosa, de autores sem expressividade para atraírem leitores, sendo por isso pouco divulgada, não observada pela crítica nacional, pouco ou nada interessada com autores de regiões como o norte do Brasil. Por outro lado, uma forma de defesa é o refúgio em uma “Torre de Marfim”, utilizada por aqueles dedicados às letras, que não divulgavam suas produções. Isso acontecia em decorrência das hostilidades, caracterizando-se, assim, o isolamento do poeta, numa maneira cômoda de contemplação do mundo, poupando-se do seu envolvimento com as práticas do cotidiano.

Ressalta-se, por fim, o enfoque à predestinação de uma produção literária fadada ao pouco reconhecimento, restando, como único recurso, a saída de Belém para outros centros, onde a Literatura tenha mais espaço, pois aquele que “traz no destino o fatalismo das letras, em nossa terra, e daqui não dá o fora, com assinaladas exceções, não escapa à trágica sorte dos ‘Barqueiros do Volga’” (MENEZES, 1993, p. 387). É estabelecida assim uma analogia entre as condições enfrentadas na Amazônia, semelhante ao que acontece na Rússia, sendo tomada como ilustração a obra do pintor russo Ilya Repin, que retratou, no século XIX, o

sacrifício feito pelos barqueiros que navegavam o rio Volga e, em partes pouco profundas, sentiam-se impedidos de seguirem sua viagem.

A descida do barco, como representação de um esforço de arrastá-lo pela areia, contra o curso natural da água, assemelha-se à condição dos literatos da Belém do início do século XX que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas para a execução de uma produção literária, não desistiram, insistindo em ficar, na certeza de que era necessário continuar, mesmo que fosse “remando contra a correnteza”. Embora o momento seja outro, essa discussão ainda permanece.

Dalcídio Jurandir: uma representação do Norte

Dalcídio Jurandir (1909-1979)³ despontou como escritor no cenário literário nacional, após vencer, em 1940, um concurso de romances promovido pela revista literária *Dom Casmurro* em parceria com a Vecchi-Editora. O idealizador do concurso foi o escritor Jorge Amado, um dos colaboradores do periódico, que era dirigido por Brício de Abreu e Álvaro Moreyra e contava, ainda, com importantes nomes da literatura como Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Carlos Lacerda, Franklin de Oliveira, entre outras personalidades.

O romance vencedor do primeiro lugar no concurso foi *Chove nos campos de Cachoeira*, de Jagarajó, pseudônimo adotado por Dalcídio Jurandir para o concurso, e que teve divulgação anunciada no próprio jornal promotor do evento, com a seguinte nota de Brício de Abreu: “Chegamos ao fim, premiando um rapaz desconhecido completamente, que vive em Belém do Pará, que nunca veio ao Rio [de Janeiro]⁴ e que, segundo me dizem é muito jovem e índio-marajoara, natural da ilha do Marajó” (DOM CASMURRO, n. 160, ano 4, 1940, 03 ago. 1940, p. 1). Vale destacar que Dalcídio Jurandir concorreu ainda com outro livro no referido concurso, o *Marinatambalo* que depois recebeu o nome de *Marajó*.

O escritor marajoara recebeu outras premiações como: o prêmio *Paula Brito*, da Biblioteca do Estado da Guanabara; o *Luíza Cláudio de Souza*, do Pen

³ Dalcídio Jurandir nasceu na Ilha do Marajó (PA), no município de Ponta de Pedras em 1909 e morreu no Rio de Janeiro (RJ), 1979. Morou em Cachoeira do Arari até 1922 e foi para Belém estudar, mas não concluiu os estudos.

⁴ Jurandir viajou para o Rio de Janeiro em 1928 e trabalhou como revisor da Revista *Fon-Fon*, sem receber remuneração.

Clube do Brasil, pelo livro *Belém do Grão-Pará*; e o Machado de Assis, pelo conjunto de obras (da Academia Brasileira de Letras). Em 2007, foi homenageado com a criação do Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura, implantada pela Fundação Cultural Tancredo Neves em colaboração com a Secretaria de Cultura do Pará.

É importante ressaltar a força com que desponta Dalcídio Jurandir para o panorama literário nacional, estreando com reconhecimento de grandes escritores do Brasil daquela época. Esse impulso foi primordial para sua trajetória de escritor, pois assim o público pode conhecer o premiado *Chove nos campos de Cachoeira*, que teve publicação em 1941, e os outros romances que o seguiram para constituir o ciclo do *Extremo Norte*, composto de dez romances: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). O escritor também publicou *Linha do parque*, em 1959, livro que não pertence ao *Extremo Norte*, por ser um romance encomendado pelo Partido Comunista e apontar para outra realidade social vivenciada no Rio Grande do Sul, quando era repórter da *Imprensa popular*.

Além de escritor, Jurandir foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no Pará em: *O Imparcial*, *Crítica Estado do Pará*, *Revista Escola*, *Revista Guajarina*, *revista Novidade* e *Revista A Semana*; no Rio de Janeiro em: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, *revista Literatura*, *revista O Cruzeiro*, *semanário Classe Operária*, *Para Todos* e *Problemas*.

Alguns estudiosos da literatura já fizeram referências, as produções de Jurandir como: Afrânio Coutinho, Antonio Olinto, Benedito Nunes, Alfredo Bosi, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Massaud Moisés, Willi Bole, além da realização de importantes projetos desenvolvidos por professores da Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará e Universidade da Amazônia, com os professores Marli Furtado, Gunter Karl Pressler, Josebel Akel Fares, Rosa Assis e Paulo Nunes.

No que concerne ao espaço da pesquisa *Strictu Sensu*, estudos apontam que só na Universidade Federal do Pará (UFPA), foram produzidas dissertações

de mestrado e teses de doutorado acerca da obra do autor, representando uma evolução expressiva para os estudos literários e um progresso no campo da literatura na região, que teve a contribuição significativa da pesquisadora Dr.^a Marlí Furtado na orientação de projetos literários referentes à produção literária do escritor marajoara. Desta forma, a literatura produzida na Amazônia paraense, pouco discutida nas Histórias Literárias, já é assunto na maioria das universidades do Norte e vem sendo discutida nos encontros literários de nível local, nacional e até internacional. Esse fato reflete sobre a história da literatura canônica no Brasil e, na esteira, as forjadas premiações que atribuem mérito a quem não merece.

Para Humberto Hermenegildo de Araújo é necessário discutir “a vigência de uma tradição literária no Brasil com força atuante nas regiões” (ARAÚJO, 2013. p. 108), como prática para análise de outras histórias literárias. O pesquisador, destaca ainda que “os estados não devem ser estudados como processos autônomos e sim de modo a integrar questões relacionadas, o que permite oferecer um quadro amplo do que seria essa literatura brasileira” (ARAÚJO, 2013. p. 111), estudada e reconhecida como sistema literário. Deste modo, Dalcídio Jurandir teve rápido reconhecimento, após vencer um concurso de romances, e depois ficou ligeiramente “apagado” (BUENO, 2006. p. 17), das histórias literárias.

Jurandir é visto na História literária de Alfredo Bosi como “representante de um regionalismo menor” (BOSI, 1978. p. 478), mas foi também referenciado por outros escritores, como Afrânio Coutinho, Antonio Olinto, Benedito Nunes, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Massaud Moisés, Willi Bole. No entanto, o escritor não chegou a ter um estudo mais aprofundado nas histórias literárias até hoje, cabendo a academia este papel de difusor da produção literária deste escritor, pois é certo que “ao lado de autores canonizados caminham muitos outros que merecem ser relidos” (FURTADO, 2015. p. 204).

Neste seguimento, a pesquisadora Marlí Furtado destaca sobre algumas singularidades do cânone nacional, posto que “há pontos que são observados e bastante trabalhados pelo cânone, outros bastante periféricos ou à margem dele” (FURTADO, 2013. p. 59). A pesquisadora cita como exemplo *Simá* (1857),

primeiro romance amazônico, escrito por José Lourenço da Silva Araújo Amazonas que só é revisitado a partir de estudos engendrados pela academia.

Considerações finais

Ao tomarmos como objeto de estudo as polêmicas referentes às questões que envolvem as premiações no mundo literário e a preterição de escritores do Norte do Brasil ao cânone, reconhecidos e renascidos pela academia, obtivemos maior nitidez quanto à necessidade de complementação de pesquisas mais aprofundadas no campo dos Estudos Literários, que considerem os trabalhos produzidos nas academias. Isso se torna mais evidente ao compararmos, neste recorte, algumas Histórias Literárias, percebendo-se que a seleção dos escritores para a empreitada de construir um cânone literário, pela singularidade e subjetividade, não possibilita a construção de uma história literária que contemple todo o painel literário brasileiro. E é por isso, que para uma empreitada dessa natureza sempre será necessário complementar a leitura com as contribuições de estudos literários produzidos em instituições com finalidades acadêmicas, com trabalhos desenvolvidos nas diferentes regiões brasileiras. Ainda assim, haverá a possibilidade de casos de escritores não contemplados, fato decorrente de esquecimento, negligência ou até mesmo por uma produção que continua no anonimato, razão da necessidade de aprofundamento em relação aos estudos paralelos, com vistas a uma justa menção canônica.

Assim, o suporte acadêmico, como aliado da História literária, pode ser exemplificado com dados da literatura do Norte, trabalhados em projetos de pesquisa elaborados por estudiosos de universidades dessa região. Os projetos já desenvolvidos e os em andamento, coordenados pela pesquisadora Marlí Furtado, são produções acadêmicas de significativo valor para uma discussão acerca desses escritores da Amazônia Brasileira e já conta com alguns produtos, como: livros, capítulos de livros, periódicos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas na região Norte, mas também em instituições de outras regiões do Brasil. Abre-se então a perspectiva do surgimento de diferentes razões para um escritor figurar em uma história literária, não restrita apenas a análises oriundas de motivações pessoais dos autores das histórias, ou mesmo pelo enveredamento pelos caminhos das

questões editoriais, que fazem um escritor brilhar mais que outro, intenção não relevante para abordagem neste artigo.

Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de. *Literatura Brasileira: região, nação, globalização*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BUENO, Luís; Sales, Germana; Augusti, Valéria. A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro. Chapecó: Argos, 2013.

FERNADES, Adauto de Alencar. Terra verde. Fortaleza: Tipografia Central, 1925.

FURTADO, Marlí Tereza. A Amazônia em narrativas: sob o signo da terra, dentro e fora do cânone. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria. *A tradição literária brasileira: entre a periferia e o centro*. Chapecó: Argos, 2013. p. 59-80.

FURTADO, Marlí Tereza. Dalcídio Jurandir e o romance de 30 ou um autor de 30 publicado em 40. *Revista Teresa*, São Paulo, n.16, 2015. http://revistateresa.fflch.usp.br/sites/revistateresa.fflch.usp.br/files/u76/Teres_a16_final.pdf. Acesso em 2 jan. 2016.

GARRETT, Almeida. Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas de auctores portuguezes antigos e modernos illustradas com notas. Paris: J. P. Aillaud, 1826. http://purl.pt/25/3/1-3201-p_PDF/1-3201-p_PDF_08-G-R0072/1-3201p_0000_anterrosto-LXVII_to8-G-R0072.pdf. Acesso em 10 nov. 2018.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Modulações poéticas. Precedidas de um Bosquejo da história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Tipographia Franceza, 1841.

LADISLAU, Alfredo. *Terra imatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 1938.

MENEZES, Bruno de. *Obras completas*. Vol. 2. Belém: Secretaria Estadual de Cultura/Conselho Estadual de Cultura, 1993 (Série Lendo o Pará, 14).

OLIVEIRA, Abgar Soriano de. A literatura em Pernambuco. *Belém Nova*, Belém, ano 1, n. 14, 1924.

Recebido em: 30 de setembro de 2021.

Aceito em: 28 de dezembro de 2021.